

# Compram-se e vendem-se lotes invadidos

Paola Lima

Da equipe do Correio

Barracos vazios, de um ou dois cômodos, prontos para venda. A moeda pode ser dinheiro vivo — o preço varia de R\$ 150,00 a R\$ 300,00 — ou eletrodomésticos e aparelhos celulares. O comércio de barracos e áreas livre está se tornando um negócio rentável dentro da invasão do Parque Saburo Onoyama, em Taguatinga. Alguns invasores estão aproveitando o vaivém de pessoas no local e atuando como corretores, na compra e venda de barracos.

Logo no início da invasão, nos primeiros 100 metros entre valas de esgoto, ruas irregulares e construções de madeiras, três barracos prontos, mas ainda vazios, mostram o indício de comércio irregular no local. Limpos, fechados com cadeados e

armazenando material para futuras obras, os barracos ainda não foram vendidos e, por isso, estão desocupados.

Apesar das negativas dos donos, os vizinhos admitem que a venda realmente acontece. "Eles constroem, vendem e todo dia chega uma carroça com nova mudança", revela uma moradora que vive na entrada da invasão e se identificou apenas como Edineuza.

O comércio acontece de duas formas. Alguns barracos são vendidos por antigos invasores que decidiram abandonar o local e encontraram na venda uma forma

de recuperar o dinheiro gasto na construção. Não querem perder o investimento feito na hora de mudar para a invasão e ir embora de mãos abanando. É o caso de Idalva Rosa do Espírito Santos, 63 anos. Ao chegar no Onoyama, há dois anos, ela tro-

cou uma televisão colorida e R\$ 150,00 pelo barraco onde morou até hoje.

Agora, ela está com passagem comprada para Santos, São Paulo, onde vai morar com a filha. Para não ficar no prejuízo, Idalva vendeu o barraco por R\$ 200,00, para o sogro de um dos moradores da invasão, que está vindo de Goiás para Brasília. "Só quero tirar o mesmo dinheiro que gastei aqui", afirma.

A outra forma de venda de barracos é mais profissional. As construções são feitas em áreas livres e, depois de prontas, vendidas a quem se interessar, pelo preço médio de R\$ 200,00. O sergente Regivaldo Alves de Souza, 32 anos, é um dos invasores que comprou o barraco das mãos de Antônio Carlos da Silva, 33 anos, já conhecido na invasão como 'Antônio da Imobiliária'. Segundo o sergente, ele pagou R\$ 200,00 pela construção, há dois meses.

Como quer voltar para a Bahia, Regivaldo vai deixar o barraco recém-comprado. Já recebeu uma nova proposta de compra de An-

tônio, também de R\$ 200,00, para que o local não fique vazio. "Não sei ainda o que vou fazer", diz Regivaldo. Antônio desmente a acusação de que esteja comercializando barracos. Dono da maior mercearia da invasão, ele nega as histórias. "Não sei de nada disso", declara, categórico.

Os moradores, no entanto, garantem que Antônio está envolvido em outras negociações semelhantes, por toda a invasão. Um de seus parceiros seria o desempregado Ilton Batista, 34 anos, com quem Antônio teria trocado, há algumas semanas, um aparelho celular por um terreno livre em frente ao barraco de Ilton. No local já existem dois barracos prontos e vazios. Um deles — com dois cômodos e banheiro — está sendo oferecido por R\$ 600,00.

Ilton também nega as acusações. "Eu não vendi nada, porque isso é área pública e não posso vender o que não é meu", se defende. Outra moradora, que não quis dar o nome, conta que até mesmo a área da sede da Assembléia de Deus, atrás do barraco de

Ilton, foi comprada dele, por R\$ 200,00.

Em uma discussão com o presidente da Associação de Moradores do Onoyama (AMO), Francisco das Chagas, autor das denúncias de comércio de barracos, Ilton acabou admitindo o negócio: "Ele só não faz também porque não tem dinheiro para construir". Antônio também se contradisse ao explicar a relação com outro suposto corretor, Francisco Gilnei Martins, o Ceará, de quem teria comprado um barraco para revender. "Comprei, mas ainda não paguei", disse, sem explicar o motivo da compra, já que mora na invasão há dois anos.

A Administração de Taguatinga prometeu coibir a negociação e retirar os barracos vazios hoje. A administração está organizando uma operação maior, com a colaboração do SivSolo, para retirar os mais de 100 barracos que surgiram este ano. "Só serão deixados os 415 barracos cadastrados em janeiro", avisa a chefe do Serviço de Fiscalização de Obra da Administração, Maria Abadia Alves.

